

A INVISIBILIDADE DA MULHER NA MEDALHÍSTICA BRASILEIRA

Goulart Gomes

*Graduado em Administração de Empresas (UCSAL), especialista em Comunicação (ESPM-RJ)
e em Literatura Brasileira (UCSAL), escritor e graduando em História (UFBA).*

Quem visitar qualquer local onde estiver sendo realizado um encontro de numismática, em qualquer cidade do Brasil, irá se defrontar com um mesmo cenário: várias mesas onde são comercializadas as peças e um público eminentemente masculino, de média faixa etária. Quase não existem mulheres colecionadoras nestes locais e, menos ainda, comerciantes do sexo feminino. O argumento que o *hobby* de colecionar é masculino já não se sustenta. Quando muito, poderemos dizer que os objetos colecionáveis de preferência é que são diferentes.

Nas cédulas, moedas e medalhas brasileiras, a proporção é a mesma, infelizmente. Quase não se vê mulheres sendo homenageadas. A maior parte das imagens femininas são efígies representativas, como da República, da Indústria, da Agricultura, da Cultura, a Baiana, a Rendeira, a Mãe, ou mitológicas (Ceres, Minerva, Diana). Em segundo lugar, vem a nobreza: a Princesa Isabel, a Princesa Leopoldina, a rainha Carlota Joaquina, a rainha Theresa Christina foram bem representadas, principalmente durante o período do Império, em que era fundamental bajular a Corte. Em terceiro lugar encontramos as santas, representadas nas medalhas de caráter religioso, em que Nossa Senhora, em suas diversas manifestações, é quase hegemônica.

No papel-moeda brasileiro, dentre as mais de 800 estampas já impressas, desde o Réis até o Real, apenas duas personalidades femininas foram homenageadas: a princesa Isabel e a escritora Cecília Meirelles. Nas quase 3.000 moedas cunhadas, nos mais diversos metais, apenas a rainha D. Maria I, em moedas de ouro da Colônia. Para a elaboração deste texto, pesquisei aproximadamente 1.000 medalhas, de minha coleção particular e dos livros citados na bibliografia. Encontrei apenas sete mulheres homenageadas, excetuando aquelas da nobreza, já citadas. Mesmo que existam três vezes mais medalhas que estas aqui apresentadas, ainda assim o número é ridiculamente pequeno, em comparação ao universo de emissões e de representações masculinas.

Vamos conhecer essas personagens.

BENTA PEREIRA DE SOUZA

CARACTERÍSTICAS DA MEDALHA

Metal: Bronze

Diâmetro: 50 mm

Gravadores: Calmon Barreto e M. Toledo

Cunhagem: Casa da Moeda do Brasil

Peso: 62,3 gr.

Ano: 1935

Catálogo Kurt Prober: KP3B

Anverso: Efégie e inscrição "Benta Pereira de Souza"

Reverso: Brasão da Prefeitura Municipal de Campos (de Goytacazes) – 1º Centenário – 1835 – 28 de MARÇO - 1935

Benta Pereira de Souza nasceu em 1675 e morreu aos 85 anos, em 10 de dezembro de 1760. Filha do Padre Domingos Pereira Cerveira com Isabel de Souza, casou-se com Pedro Manhães e com ele teve seis filhos, que criou sozinha, depois de enviudar. Mulher de muitos bens e sozinha, não só gerenciou a fortuna deixada pelo marido como educou os filhos. Aos 72 anos de idade, Benta Pereira montou num cavalo e, armada, liderou uma revolta contra o 3º Visconde de Asseca, Diogo Corrêa de Sá, donatário da capitania da Paraíba do Sul. Ela lutava não só pela liberdade de suas terras, cujas delimitações haviam sido infringidas, como contra os pesados impostos requeridos pelo donatário.



DARCY SARMANHO VARGAS

CARACTERÍSTICAS DA MEDALHA

Metal: Bronze Prateado

Diâmetro: 50 mm

Gravador: Não informado

Cunhagem: Não informado

Peso: 93 gr.

Ano: 1968

Catálogo Cláudio Amato: 03BP

Anverso: Efégie e inscrição "Darcy Sarmanho Vargas *12-12-1895 +25-06-1968"

Reverso: FDV - Fundação Darcy Vargas – Casa do Pequeno Jornaleiro

Darcy Vargas foi a esposa de Getúlio Vargas, presidente do Brasil. Na condição de primeira-dama, Darcy Vargas tornou-se um exemplo e uma referência para suas contemporâneas, devido à sua preocupação com as questões sociais e assistenciais. A fundação de diversas instituições criadas em sua honra e por ela mesma formam o seu maior legado. Dentre elas está a Casa do Pequeno Jornaleiro (CPJ), hoje o principal projeto da Fundação Darcy Vargas, que atua com meninos e meninas de 11 a 18 anos, estudantes da rede pública de ensino e moradores das proximidades da Zona Portuária do Rio de Janeiro, através de um programa educacional, de frequência diária obrigatória, que complementa o horário escolar do jovem e promove transformações sociais.



ANNA AMELIA

CARACTERÍSTICAS DA MEDALHA

Metal: Bronze

Diâmetro: 50 mm

Gravador: Ilegível

Cunhagem: Não informado

Peso: 53,9 gr.

Ano: 1969

Catálogo: Não consta

Anverso: Efégie e inscrições "Trabalhar pelo estudante é trabalhar pelo futuro do Brasil" – Anna Amelia

Reverso: Ao Grande Benemérito – CEB (Casa do Estudante do Brasil) – 1929-1969

Anna Amelia Carneiro de Mendonça (Rio de Janeiro, 1896-1971), poetisa, tradutora e feminista carioca, teve seus poemas e crônicas publicados pelos mais importantes jornais do país. Atuou em defesa dos direitos das mulheres. Participou da Associação Damas da Cruz Verde, que criou a maternidade Pró-Matre. Ajudou a fundar a Casa do Estudante do Brasil e a Associação Brasileira de Estudantes. Foi a primeira mulher membro de um tribunal eleitoral do país. Foi a fundadora da Casa do Estudante do Brasil, juntamente com Pascoal Carlos Magno, localizada na Praça Ana Amélia, no Centro do Rio de Janeiro.



ANNA NERY

CARACTERÍSTICAS DA MEDALHA

Metal: Bronze

Diâmetro: 30 mm

Gravador: Não informado

Cunhagem: Casa da Moeda do Brasil

Peso: 15,2 gr. (com olhal)

Ano: sem data

Catálogo: Não consta

Anverso: Efégie e inscrição "Medalha Dona Anna Nery"

Reverso: Cruz Vermelha Brasileira – "In pace et in bello caritas" (Caridade na paz e na guerra)

Anna Justina Ferreira Nery nasceu na Vila Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira do Paraguaçu, Bahia, em 13 de dezembro de 1814. Viúva do capitão-de-fragata Isidoro Antônio Nery viu seus familiares mais próximos serem convocados para a Guerra do Paraguai e solicitou ao presidente da Província da Bahia poder acompanhar os filhos e o irmão, ou pelo menos prestar serviços voluntários nos hospitais do Rio Grande do Sul, no que foi atendida. Embarcou, em Salvador, com a tropa do 10º Batalhão de Voluntários da Pátria em agosto de 1865, na qualidade de enfermeira. Serviu como voluntária na Guerra do Paraguai (1864-1870), sendo auxiliar do corpo de saúde do Exército brasileiro. Durante toda a Guerra do Paraguai, prestou serviços nos hospitais militares de Salto, Corrientes (Argentina), Humaitá e Assunção (Paraguai), bem como nos hospitais da frente de operações. Viu morrer na luta um de seus filhos e um sobrinho. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1880, aos 66 anos de idade.



CECÍLIA MEIRELES

CARACTERÍSTICAS DA MEDALHA

Metal: Bronze

Diâmetro: 50 mm

Gravador: CJAS

Cunhagem: Casa da Moeda do Brasil

Peso: 53,8 gr.

Ano: 1991

Catálogo: Não consta

Anverso: Efégie e inscrição "Série Cruzado 1991"

Reverso: Desenhos com temas infantis, de autoria da escritora

Cecília Meireles (1901-1964) foi poetisa, professora, jornalista e pintora, com mais de 50 obras publicadas. Estreia na literatura com o livro "Espectros", aos 18 anos de idade. Uma das marcas do lirismo de Cecília Meireles é a musicalidade de seus versos. Alguns poemas como "Canteiros" e "Motivo" foram musicados pelo cantor Fagner. Em 1939 publicou "Viagem", livro que lhe deu o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras. Estudou literatura, música, folclore e teoria educacional. Colaborou na imprensa carioca escrevendo sobre folclore. Atuou como jornalista em 1930 e 1931, publicando vários artigos sobre os problemas na educação. Fundou, em 1934, a primeira biblioteca infantil no Rio de Janeiro. Lecionou Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas, em 1940.



MÃE MENININHA DO GANTOIS

CARACTERÍSTICAS DA MEDALHA

Metal: Prata

Diâmetro: 40 mm

Gravador: Não informado

Cunhagem: Casa da Moeda do Brasil

Peso: 35,1 gr.

Ano: 1994

Catálogo: Não consta

Anverso: Efégie e inscrição "Mãe Menininha do Gantois 1894-1994"

Reverso: Imagens de elementos dos cultos afrobrasileiros.

Escolástica Maria da Conceição Nazaré, nascida em 1894, foi a maior mãe-de-santo do Candomblé no Brasil, uma grande líder espiritual que ajudou a tornar mais aceita a religião herdada de seus ancestrais africanos. "Menininha" foi o apelido que a avó deu à menina pobre da periferia de Salvador, Bahia. Sob a orientação das mulheres da família, Menininha foi iniciada nos segredos da religião africana e preparada para o cargo que assumiria no futuro, de ialorixá (mãe-de-santo, na língua ioruba), o que ocorreu com a morte de sua tia-avó, mãe Pulchéria. Em 1924, prestes a completar 30 anos, Menininha mudou-se para o Gantois junto com o marido e a filha mais velha. Na época enfrentou preconceitos e perseguições e teve que se impor com sabedoria. Com o passar do tempo, a popularidade de Mãe Menininha foi crescendo. Nos anos 80, turistas, políticos, artistas e intelectuais a procuravam em busca de conselhos, orientações ou informações para suas pesquisas. Sua aversão à fama não impediu que recebesse diversas homenagens, especialmente de artistas e amigos ilustres. Entre elas, a mais conhecida é a música "Oração a Mãe Menininha", que Dorival Caymmi compôs em 1972.



ESCRAVA ANASTÁCIA

CARACTERÍSTICAS DA MEDALHA

Metal: Bronze

Diâmetro: 23 mm

Gravador: Não informado

Cunhagem: Não informada

Peso: 5,5 gr.

Ano: sem data

Catálogo: Não consta

Anverso: Efégie e inscrição "Escrava Anastácia" (trata-se, provavelmente, de uma medalha utilizada como amuleto).

Reverso: Em branco

A **Escrava Anastácia** (Pompeu, MG, 12 de maio de 1740 - data e local de morte incertos) é uma personalidade religiosa de devoção popular brasileira, adorada informalmente pela realização de supostos milagres. A própria existência de Anastácia é colocada em dúvida, já que não existem provas materiais da mesma. Seu culto foi iniciado em 1968, quando numa exposição da Igreja do Rosário do Rio de Janeiro, em homenagem aos 80 anos da Abolição, foi exposto um desenho de Étienne Victor Arago representando uma escrava do século XVIII que usava Máscara de Flandres que permitia à pessoa enxergar e respirar, sem, contudo, levar alimento à boca. No imaginário popular, Anastácia era uma mulher de linda e rara beleza. Ela ajudava os doentes e, com suas mãos, fazia verdadeiros milagres. Por se negar a ir para a cama com seu senhor e se manter virgem, apanhou muito e foi sentenciada a usar uma máscara de ferro por toda a vida, só tirada às refeições. Era espancada, o que a fez sobreviver por pouco tempo. Quando Anastácia morreu, seu rosto estava todo deformado. Ela é cultuada tanto no Brasil quanto na África.



A circulação de cédulas, em todos os tempos, é um poderoso elemento de propaganda, de fortalecimento da cultura e de propagação de ideias. Considerando os altos índices de agressões moral, física e sexual às mulheres brasileiras, seria extremamente pertinente que as autoridades competentes, com o apoio dos técnicos da Casa da Moeda do Brasil, reparassem esta enorme deficiência na numismática brasileira, ao mesmo tempo em que buscassem conscientizar a população brasileira,

através do respeito e da valorização da Mulher, homenageando-as nas cédulas, moedas e medalhas brasileiras. As cédulas do Real, por exemplo, desde 1994 mantêm a mesma iconografia. Acredito que a tartaruga marinha, a garça, a arara, o mico-leão dourado, a onça pintada e a garoupa, que aparecem no reverso de nossas cédulas, já foram devidamente reconhecidos. O Brasil poderia produzir uma série completa, homenageando as suas heroínas, nas cédulas de 2, 5, 10, 20, 50 e 100 reais. Outra alternativa, seria a produção de uma série de moedas ou medalhas comemorativas, em ouro, prata, bronze e cupro-níquel, a exemplo daquelas que foram produzidas para os Jogos Olímpicos Rio 2016. E para que não se diga que as alternativas de personalidades são poucas, elencamos algumas, dentre as inúmeras, mulheres que poderiam ser homenageadas em nossa numismática (citadas em ordem alfabética).

Anita Garibaldi, intitulada “A Heroína dos Dois Mundos”, nasceu em Santa Catarina, onde se casou com o revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi, com quem lutou na Revolução Farroupilha (aqui no Brasil) e contra a invasão do exército austro-húngaro (na Itália).

Aracy de Carvalho Guimarães Rosa nasceu no Paraná, em 1908. Quando trabalhava no consulado brasileiro em Hamburgo, no período da Alemanha nazista, correndo riscos, salvou a vida de dezenas de judeus que, graças a ela, emigraram para o Brasil, escapando da perseguição anti-semita. Chamada de “Anjo de Hamburgo”, Aracy é a única mulher citada no Museu do Holocausto, em Israel, entre os 18 diplomatas que salvaram judeus da morte. Em 1982, ela foi reconhecida como “Justa entre as Nações”, um título dado pelo governo israelense a pessoas que correram riscos para ajudar judeus perseguidos.

Bárbara de Alencar nasceu em 11-08-1760, no município de Exu, Pernambuco. Casou-se com 22 anos e se mudou para Crato, no sul do Ceará. Participou da Revolução Pernambucana. Esteve detida numa das celas da Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção, considerada localmente como a primeira prisioneira política da História do Brasil. Presa em calabouços de Fortaleza, Recife e Salvador, foi maltratada e impedida de ver os filhos. Libertada depois de três anos, ainda participou de um segundo movimento revolucionário: a Confederação do Equador.

Carolina Maria de Jesus, nasceu no dia 14 -03-1914, em Minas Gerais. Frequentou a escola apenas até o segundo ano, mas aprendeu a ler e a escrever. Após a morte de sua mãe, mudou-se para São Paulo. Na favela do Canindé, construiu sua própria casa, usando madeira, lata e papelão. Ela catava materiais recicláveis para conseguir sustentar sua família. Quando encontrava revistas e cadernos antigos, guardava-os para escrever em suas folhas, registrando o dia-a-dia da favela e seus sofrimentos. Ela foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, em abril de 1958. O diário de sua autoria foi publicado em agosto de 1960.

Chiquinha Gonzaga, compositora, autora de mais de duas mil músicas de gêneros diferentes, foi a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil. Ela também se envolveu com a política, militando em prol da abolição da escravidão e pelo fim da monarquia.

Clara Camarão, nascida no início do século XVII, da nação Potiguar, foi catequizada por padres jesuítas, na aldeia de Igapó. Casou-se com o chefe da tribo, Poti, catequizado como Felipe, e junto a ele adotou o sobrenome Camarão – tradução do nome Poti. Ao seu lado, combateu os holandeses, em Pernambuco, liderando um grupo de guerreiras.

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, mas seus pais imigraram para o Brasil pouco depois. Chegou a Maceió com dois meses de idade, com seus pais e duas irmãs. Trabalhou como redatora para a Agência Nacional e como jornalista no jornal "A Noite". Seu primeiro romance foi publicado em 1944, "Perto do Coração Selvagem". No ano seguinte a escritora ganhou o Prêmio Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras. Hoje é a escritora "brasileira" mais conhecida internacionalmente.

Cora Coralina (1889-1985), pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas foi uma importante poetisa brasileira. Criou, em 1908, o jornal de poemas femininos "A Rosa", junto com outras duas amigas. Seu primeiro livro, porém, só foi publicado em 1965, quando ela já estava com 75 anos.

Dandara juntou-se ainda menina ao grupo de negros que desafiaram o sistema escravista por quase um século, no Quilombo dos Palmares. Casada com Zumbi, valorizava muito a liberdade, era contra acordos com o governo e se matou quando capturada. Dandara participava ativamente da elaboração das estratégias de resistência e foi figura central na defesa do quilombo.

Georgina de Albuquerque, nascida em Taubaté, no dia 04-02-1885, é considerada a introdutora do impressionismo no Brasil. Após se dedicar ao magistério, em 1950, tornou-se a primeira mulher a ser diretora da Escola de Belas Artes.

Joana Angélica aos vinte anos de idade, no dia 21-04-1782, entrou para o noviciado no Convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa, na capital baiana. Quando soldados portugueses decidiram invadir o Convento da Lapa, Joana, com 60 anos de idade, ficou na frente da porta e tentou impedir a entrada dos mesmos. Agredida com golpes de baioneta, veio a falecer no dia seguinte.

Jovita Feitosa nasceu em Tauá, Ceará, no dia 08-03-1848. Aos 17 anos de idade, alistou-se para as forças militares da campanha da Guerra do Paraguai. Negada a permissão para sua ida à frente de combate, obteve apenas o direito de agregar-se ao Corpo de Mulheres que iria prestar serviços compatíveis com a "natureza feminina", como a enfermagem, por exemplo. Jovita resolveu permanecer no Rio de Janeiro. Decepcionada, caiu em profunda depressão e foi abandonada pelo marido, o engenheiro inglês Guilherme Noot. Tinha 19 anos de idade, em 1867, quando cometeu suicídio com uma punhalada no coração.

Leolinda Daltro, baiana, é precursora do feminismo no Brasil no século 19. Engajada na causa indigenista, viajou pelo interior do Brasil pregando a integração das populações indígenas por meio da educação laica.

Luísa Mahin, nascida no início do século XIX, foi uma ex-escrava africana, mãe do abolicionista Luís Gama. Não se sabe se teria nascido na Costa da Mina, na África, ou na Bahia. Segundo seu filho, ela dizia ter sido princesa na África. Alforriada em 1812,

passou a sobreviver como quituteira em Salvador. Luísa esteve envolvida na articulação da Revolta dos Malês (1835) e na Sabinada (1837-1838).

Margarida Maria Alves, nascida em Alagoa Grande, Paraíba, no dia 05-08-1933, foi Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais desse município. Sua atuação sindical desagradou os interesses dos fazendeiros locais, levando-a a ser assassinada, em 1983.

Maria Felipa de Oliveira, mulher negra e pobre, teve ação decisiva para a vitória sobre os portugueses, em Salvador, nas lutas pela independência do Brasil.

Maria Quitéria é uma das principais personagens da independência do Brasil. Vestida como soldado, participou de diversas batalhas, na Bahia. Em 2 de julho de 1823, quando o “Exército Libertador” entrou em triunfo na cidade do Salvador, Maria Quitéria foi saudada e homenageada pela população em festa.

Nise da Silveira (Maceió, 15 de fevereiro de 1905 — Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1999), renomada médica psiquiatra brasileira, admitida na Faculdade de Medicina da Bahia aos 21 anos. Dedicou sua vida à psiquiatria e manifestou-se radicalmente contrária às formas agressivas de tratamento de sua época, tais como o confinamento em hospitais psiquiátricos, eletrochoque, insulino-terapia e lobotomia.

Nísia Floresta, outra precursora do feminismo no Brasil, é autora do livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens”, escrito em 1832, considerada a primeira obra feminista do Brasil. Ela também escreveu importantes livros em defesa dos índios e da abolição da escravidão. Nísia nasceu no Rio Grande do Norte, mas viajou o país defendendo a alfabetização das mulheres e chegou a fundar colégios para meninas no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul.

Rachel de Queiroz (Fortaleza, 17 de novembro de 1910 — Rio de Janeiro, 4 de novembro de 2003) foi uma tradutora, romancista, escritora, jornalista, cronista prolífica e importante dramaturga. Autora de destaque na ficção social nordestina, autora do célebre romance *O Quinze*. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Em 1993, foi a primeira mulher galardoada com o Prêmio Camões.

Tereza de Benguela, líder quilombola que viveu no atual estado do Mato Grosso, durante o século XVIII. Foi esposa de José Piolho, que chefiava o Quilombo do Piolho (ou do Quariterê), entre o rio Guaporé (a atual fronteira entre Mato Grosso e Bolívia) e a atual cidade de Cuiabá. Com a morte do marido, Teresa se tornou a rainha do quilombo e, sob sua liderança, a comunidade negra e indígena resistiu à escravidão por duas décadas, sobrevivendo até 1770, quando o quilombo foi destruído pelas forças de Luiz Pinto de Souza Coutinho e a população (79 negros e 30 índios), morta ou aprisionada.

Tarsila do Amaral, pintora e desenhista brasileira, foi uma das figuras centrais da primeira fase do movimento modernista no Brasil. Estudou em São Paulo e em Barcelona. Seu quadro *Abaporu*, de 1928, inaugurou o movimento antropofágico nas artes plásticas.

Zilda Arns Neumann, médica pediatra e sanitária brasileira, indicada várias vezes pelo governo brasileiro ao prêmio Nobel da Paz. Morreu, aos 75 anos, no terremoto do Haiti, em 2010. Fundadora e coordenadora internacional da Pastoral da Criança, organismo que tem como objetivo a promoção do desenvolvimento integral de crianças até seis anos de idade, Zilda ajudou a reduzir a mortalidade infantil no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

AMATO, Cláudio. Livro das Medalhas do Brasil. São Paulo: Artgraph, 2014.

CASA DA MOEDA DO BRASIL – Clube da Medalha do Brasil. Catálogo de Medalhas 197701984. Casa da Moeda do Brasil: Rio de Janeiro, 1984.

GALLAS, Alfredo O. G. e GALLAS, Fernanda Disperati. Medalhas contam detalhes da História do Brasil. São Paulo: Ed. Do Autor, 2016

MENDES, Sílvia Letícia Teixeira. CASA DA MOEDA DO BRASIL – Clube da Medalha do Brasil. Catálogo de Medalhas 2003 a 2007. Casa da Moeda do Brasil: Rio de Janeiro, 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA – DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS – MUSEU IMPERIAL. Catálogo de Medalhas Comemorativas – Série Cadernos Museológicos 1 – Brasil / Da colônia à Regência. Petrópolis, 1973.

PROBER, Kurt. Catálogo das Medalhas da República. Rio de Janeiro: Gráfica Portinho Cavalcanti Ltda., 1965.

SITES PESQUISADOS

<http://www.ururau.com.br/cidades9109>

<http://www.fdv.org.br/objetivo.asp>

<http://www.bahiana.edu.br/herois/herois.aspx?id=Mg==>

https://www.ebiografia.com/cecilia_meireles/

<http://educacao.uol.com.br/biografias/mae-menininha-do-gantois.htm>

<http://www.centroanastacia.com/index.php/quem-somos/escrava-anastacia>

<https://asminanahistoria.wordpress.com/2016/10/10/15-mulheres-brasileiras-que-deveriamos-ter-conhecido-na-escola/>

https://www.buzzfeed.com/alexandreorrico/nomes-mulheres-brasileiras-que-fizeram-historia?utm_term=.mhmqyrLl#.vd0xD1q7

<http://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/20-mulheres-brasileiras-que-fizeram-historia/>

<http://www.wikipedia.com>, verbetes Darci Vargas, Anna Amelia, Luísa Mahin, Nise da Silveira, Clarice Lispector, Tereza de Benguela e Raquel de Queiroz

Janeiro/2017